

LEITURA E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR: UMA REDE DE FIOS CRUZADOS

Doutoranda Deisily de Quadros (UFPR-FARESC)
Mestranda Flávia Brito Dias (PUCPR-COL. MEDIANEIRA)

Resumo:

Os índices de leitura, que vêm sendo apresentados por pesquisas realizadas no Brasil, apontam dados nada satisfatórios, mostrando que grande parte da população é considerada não leitora e analfabeta funcional (Retratos da Leitura no Brasil e Inaf), o que deixa claro que se lê pouco em nosso país. Nesse sentido, observa-se que a leitura é realizada com frequência apenas como uma prática escolar, o que faz com que a escola fracasse na sua função social que entendemos como primordial: formar leitores críticos e capazes de compreender os diversos gêneros textuais que circulam na sociedade. Ao constatar tal fragilidade presente nos índices apontados e nas pesquisas realizadas, procuramos analisar as práticas docentes enquanto professoras do Ensino Fundamental I e dos cursos de Letras e Pedagogia, observando os desafios e as lacunas apresentados pela escola na formação de sujeitos leitores e procurando, por meio desse artigo, provocar uma reflexão acerca da formação dos docentes e dos ingressos e egressos dos cursos de licenciatura (particularmente Letras e Pedagogia), na tentativa de estabelecer relações entre a (não) formação de leitores e a formação docente em nosso país.

Palavras-chave: Formação de leitores, Educação, Cursos de licenciatura.

1 Introdução

No contexto social em que estamos inseridos, temos a possibilidade de interagir com as diferentes linguagens sejam elas verbais, gestuais, escritas, imagéticas desde muito cedo. Assim, é preciso que façamos a leitura desse mundo “grávido de significados” (expressão utilizada por Paulo Freire) de modo a compreendê-lo.

Nesse sentido, o ato de leitura se inicia muito cedo, e no contato com os livros e ouvindo histórias, a criança aprende que a direção da escrita é da esquerda para a direita, passa a diferenciar desenho, letras e números, nota que um texto é formado de palavras e as palavras de letras. Ou seja, a criança aprende a reconhecer a estabilidade da palavra escrita e a ter um comportamento leitor, o que a permite compreender o mundo letrado em que vive.

É nesse sentido que nos orienta o **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, os **Parâmetros Curriculares Nacionais**, as **Diretrizes Curriculares de Curitiba** e outros documentos que servem de referência ao trabalho desenvolvido pelo professor com relação à leitura. Mas, então, por que a escola tem fracassado com a formação de leitores, como nos mostram algumas pesquisas realizadas? Alguns índices de leitura nos ajudarão a refletir sobre esse problema enfrentado pela escola.

Marcos Bagno, na ocasião de uma conferência por ele ministrada aos alunos da UnB no final de 2012, trazendo números atuais sobre a questão da leitura no Brasil, questionou: o que a escola vem realizando para formar leitores? Quem são os licenciados

que chegam às escolas para formar pessoas capazes de ler e escrever?

O **Inaf** (Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional) apresenta nos seus dados de 2012 que 75% dos brasileiros entre 15 e 64 anos são analfabetos funcionais. Ou seja, $\frac{3}{4}$ da nossa população não lê, realmente: são capazes de decodificar um texto, mas não de apreender seus sentidos.

Então, questionamos: o que a escola faz? Forma os jovens que ingressam nos cursos de licenciatura sem conseguir escrever um texto de modo satisfatório ou realizar uma leitura apreendendo realmente os seus sentidos. E o ensino superior, o que faz com esses jovens que ingressam na universidade? Indica os textos acadêmicos para que os alunos leiam, sem que haja uma preocupação se dão conta ou não dessa leitura. E esses jovens, já formados, o que fazem? Vão para as salas de aula da educação básica para ensinar... leitura! Mas conseguimos ensinar o que não sabemos, efetivamente? Segundo Bagno (2012),

grande parte dos futuros professores de português saem diplomados sem saber linguística, sem conhecer a tradição gramatical, sem saber teoria e crítica literária e sem conseguir escrever adequadamente um texto de qualquer gênero mais monitorado. (...) É urgente a necessidade de letrar os estudantes de Letras [e de Pedagogia] que estão entre os menos letrados da universidade! É por isso que as salas de aula do ensino básico estão ocupadas por professoras e professores que, mal sabendo ler e escrever adequadamente, não poderão desempenhar sua principal tarefa: ensinar a ler e a escrever adequadamente! (BAGNO, 2012).

Outra pesquisa que traz dados bastante relevantes com relação à leitura é a **Retratos da Leitura no Brasil**, realizada em 2011 pelo Instituto Pró-Livro e divulgada em abril de 2012. Com 5.012 entrevistas, a pesquisa revela que o número de não leitores cresceu 5%, o equivalente a sete milhões e quatrocentos mil brasileiros. Temos, portanto, 50% da população brasileira acima de 5 anos que se declara leitor e 50% como não leitor. Daqueles considerados leitores pela pesquisa – “aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses” –, a maioria está em idade escolar e pertence a uma classe social mais favorecida. Quanto aos não leitores, as justificativas para não ler são várias, sendo a primeira a falta de tempo (50%), seguida pelo desinteresse ou não gostar de ler (14%).

Esses dados nos mostram que a escola vem falhando no seu objetivo de formar leitores. No entanto, não cabe somente à escola e à família fomentar a leitura. É preciso que a formação de leitores seja um compromisso político e social, é preciso que os cursos de licenciatura – principalmente de Pedagogia e Letras – formem professores leitores, que se deixem seduzir pela palavra, que saibam o que fazer com os livros que abarrotam as estantes das bibliotecas escolares. Por essa reflexão, mais do que pesquisadores, teóricos, críticos literários, escritores, revisores, as universidades precisam formar professores que se sintam preparados para desempenhar a sua função mais básica: ensinar a ler e a escrever.

2 A leitura

O grande problema que os índices das pesquisas sobre leitura apontam é que a escola não tem formado leitores para a vida. O que temos é leitores escolares, como

demonstra a tabela divulgada pela pesquisa **Retratos da Leitura no Brasil** (2011).

Média de livros lidos nos últimos 3 meses	Total	Está estudando	Não está estudando
Livros em geral	1,85	3,41	1,13
Livros inteiros	0,82	1,47	0,53
Livros em partes	1,03	1,94	0,60
Livros indicados pela escola	0,81	2,21	0,15
Livros lidos por iniciativa própria	1,05	1,20	0,98
Bíblia	0,17	0,15	0,18

A maioria dos leitores está em idade escolar. A faixa de idade em que mais se lê é dos 5 aos 17 anos, de acordo com a mesma pesquisa. Ou seja, as crianças leem na escola, mas o comportamento leitor não se perpetua além de seus muros. Temos, então, leitores escolares, o que se confirma também pelo gênero mais lido pelos entrevistados da pesquisa já mencionada: 66% apontaram os livros didáticos como os mais lidos. Veja os dez gêneros que se destacam, segundo os entrevistados:

Livros didáticos	66%
Bíblia	65%
Livros religiosos	57%
Livros técnicos	56%
Livros infantis	55%
Auto-ajuda	52%
Livros juvenis	50%
Ensaio e Ciências	46%
História em quadrinhos	46%
Esoterismo	46%

Essa dificuldade em se formar leitores para a vida acontece por diversos fatores, sendo um deles a formação dos professores na graduação, que não contempla a questão da leitura. O professor, sem o devido preparo para trabalhar com a leitura, escolariza os textos. E, quando se trata da literatura, isso é ainda mais evidente: as histórias são lidas não por fruição, para formar indivíduos mais críticos e conhecedores da realidade, mas para aprender o be-a-bá, hábitos de higiene, comportamentos adequados, e outros tantos conteúdos.

2.1 A leitura da Literatura

A leitura da literatura exige do leitor especificidades distintas das demais leituras. A tarefa de formar leitores literários coloca a escola e os professores diante de um grande desafio, que é mostrar aos alunos a importância da literatura na formação do indivíduo crítico, criativo, conhecedor de si, do outro e do meio e capaz de lidar com suas emoções. Despertar no aluno o desejo de ler, o gosto por bons textos literários, os caminhos, as possibilidades, os prazeres e os novos olhares que uma boa história propicia aos leitores é o

objetivo mais especial da escola

A literatura, no entanto, é a arte da palavra e deve ser apreciada por seu caráter estético da linguagem. É preciso reconhecer na literatura a produção de sentidos, emoções e afetividades. Para tanto, é essencial que a literatura, enquanto arte, não seja na escola matéria aprisionada, servindo como pretexto para o trabalho de habilidades, conteúdos, disciplinas. A literatura precisa se desvincular das amarras pedagógicas que a aprisionam e empobrecem.

3. Os cursos de licenciatura em Letras e Pedagogia

Voltamos nossa pesquisa aos cursos de Letras e Pedagogia por entendermos que são os professores habilitados nessas licenciaturas que trabalharão, em sua maioria, diretamente com a formação de leitores de literatura: os licenciados de Pedagogia como professores da educação infantil e ensino fundamental I, os licenciados em Letras, com os alunos no fundamental II e do ensino médio.

Analisando as características básicas dos estudantes universitários e suas escolhas segundo as áreas de formação, Gatti e Barreto (p.158, 2009) verificam que 28,7% são estudantes de Pedagogia, número que se assemelha em Letras. E ao analisarem as características dos estudantes universitários das carreiras que conduzem à docência, as autoras (2009, p. 170) elencaram por meio do uso do questionário socioeconômico do **Enade** (Exame Nacional de Cursos) alguns pontos significativos, entre eles os hábitos de leitura dos estudantes. O que pode-se perceber é que o nível de leitura entre os estudantes pode ser considerado um ponto nevrálgico nos cursos de Pedagogia e Letras.

Nesse sentido, o que as autoras apontam são as semelhanças na frequência com que os alunos de Pedagogia e das demais licenciaturas leem: “em média 28% deles afirmam ter lido no máximo até dois livros durante o ano, e 35% leram entre três e cinco livros, excluindo os escolares”. As autoras também indicam que “há ainda um percentual razoável dos que não leem livros além do que lhes é solicitado nos cursos e, entre esses, são mais numerosos os alunos das outras licenciaturas que não a Pedagogia”.

Para analisar as licenciaturas em um contexto macro e especificamente, a área de Letras, Gatti e Barreto (p. 75, 2009) citam que entre os 1.152 cursos de Letras com registros, somente 94, ou seja, 82% estavam voltados para a Língua Portuguesa. As autoras ainda esclarecem que

os professores de Língua Portuguesa são formados por cursos que atribuem ênfases diversas seja aos conteúdos específicos da área, seja à relação entre língua vernácula e língua estrangeira, seja ainda aos conteúdos voltados propriamente ao ensino da língua. Sabe-se também que três quartos dos cursos e das matrículas estão voltados especificamente para a formação do professor de Letras (GATTI, BARRETO, p. 75, 2009).[...]

A grande maioria dos cursos apresentava Língua e Literatura vernácula e Língua e Literatura Estrangeira Moderna, e dentre esses, alguns tinham como denominação, simplesmente, cursos de Letras.

Ao traçar uma análise sobre o currículo real das licenciaturas e políticas norteadoras,

Gatti, Barreto e André (p. 114, 2011), apontam que a proposta de currículo que predominantemente apresenta-se nas licenciaturas em Pedagogia, traz uma característica bastante fragmentária, constatando que as horas destinadas às disciplinas voltadas à formação profissional específica, refere-se a apenas 30%, sendo que os outros 70% ficam para outras disciplinas. Tais características são encontradas nas demais licenciaturas, dentre elas, as autoras ressaltam que os cursos de licenciatura em Letras apresentam 11% das horas destinadas à formação para a docência, 51% da carga horária distribuída em diversas disciplinas voltadas ao conhecimento da área e com significativa predominância em Linguística (GATTI, BARRETO e ANDRE, p. 115, 2011).

Desse modo, dentro do contexto micro, com o intuito de verificar se na carga horária proposta pelas faculdades e universidades há a oferta de disciplinas voltadas ao ensino da leitura e/ou de Literatura infantil e juvenil, pesquisamos as grades curriculares dos cursos de Pedagogia e Letras nas principais instituições de ensino superior de Curitiba.

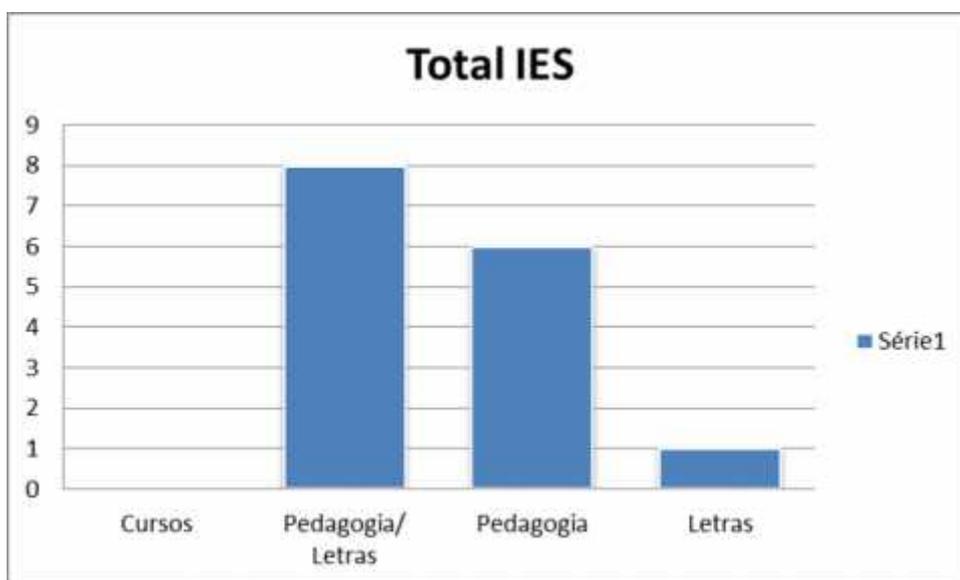
A tabela abaixo, portanto, apresenta as faculdades e universidades de Curitiba que oferecem os cursos de Letras e Pedagogia na modalidade presencial, e que apresentam em sua grade curricular uma disciplina voltada ao ensino da literatura infantil e juvenil.

Instituição de Ensino Superior	Curso	Oferece	Não oferece
UFPR	Letras	X	
	Pedagogia		X
UTP	Letras		X
	Pedagogia	X	
Santa Cruz	Letras	X	
	Pedagogia	X	
PUCPR	Letras		X
	Pedagogia		X
Facel	Letras	X	
	Pedagogia	X	
FAE	Letras	X	
	Pedagogia		X
UP	-----		
	Pedagogia		X
Uniandrade	Letras		X
	Pedagogia	X	
UTFPR	Letras	X	

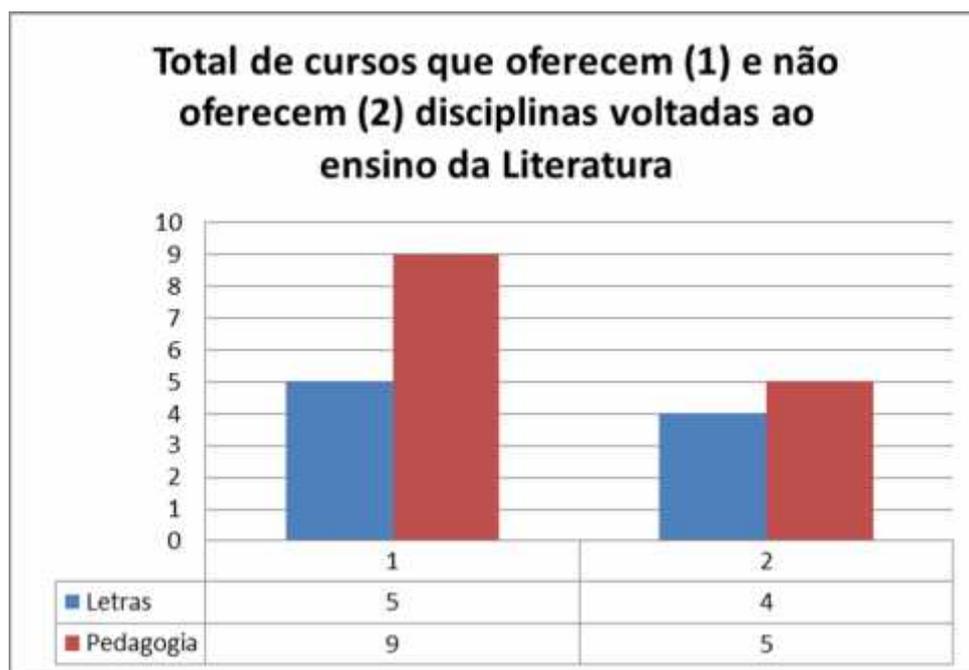
Bagozzi	-----		

	Pedagogia	X	
FAMA	Letras		X
	Pedagogia	X	
Uninter	-----		
	Pedagogia	X	
São Braz	-----		
	Pedagogia	X	
FAESP	-----		
	Pedagogia	X	
FACIMOD	-----		
	Pedagogia		X
TOTAL 15	Letras	5	4
	Pedagogia	9	5
		Oferecem	Não oferecem

Passemos, agora, à análise:



Ao observar as 15 Instituições de Ensino Superior de Curitiba, percebemos que oito instituições apresentam os cursos de Letras e Pedagogia, seis delas apenas o curso de Pedagogia e somente uma o curso de Letras.



Dentre os cursos pesquisados, cinco instituições ofertam na grade curricular de Letras e nove instituições na grade curricular de Pedagogia disciplina voltada ao ensino da Literatura. Ao analisar as instituições que não oferecem nenhuma disciplina, observa-se quatro instituições de Letras e cinco instituições do curso de Pedagogia.

Ao analisarmos os dados apresentados no quadro das instituições, observamos que: no curso de Letras da PUCPR há na grade a disciplina de Metodologia Aplicada ao Ensino da Literatura, no 4º período. Na FAE, no 3º período de Letras consta na grade a disciplina Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura. No curso de Letras da Uniandrade há a disciplina de Metodologia do Ensino da Literatura. E no curso de Pedagogia da UFPR há, como optativa, a disciplina de Metodologia do Ensino da Literatura Infantil. Essas disciplinas não estão contempladas no quadro que apresentamos ou porque o foco não é a literatura infantil, ou porque, enquanto optativa, nem todos os alunos são obrigados a cursá-la.

Conclusão

Podemos realizar algumas considerações a partir da leitura dos dados elencado no texto. O que se observa claramente é que os desafios em relação à formação do leitor transcendem os muros da escola básica, invadem os muros acadêmicos e continuam sendo pontos nevrálgicos da educação brasileira.

Ainda que tenhamos na grade da maioria dos cursos de Letras e de Pedagogia disciplinas voltadas à Literatura infantil e juvenil, os dados apresentados aqui mostram que isso não é o suficiente: primeiramente, se faz necessário que todas as instituições contemplem em sua grade disciplinas direcionadas à formação de leitores. E repensar a carga horária e como é a abordagem dessas disciplinas também é de extrema necessidade: para tanto, precisamos pensar como é o professor licenciado em Letras e Pedagogia que queremos nas escolas brasileiras. O outro passo, é aproximar as instituições de ensino superior das escolas, criando um espaço de diálogo e trocas constantes. Afinal, o professor

formado pelas universidades irá atuar nas escolas e os alunos dessas escolas buscarão formação nas universidades.

Frente a esse universo, cabe a reflexão: Que tipo de leitores queremos formar? Que professores queremos formar? Esperamos de maneira utópica, que sejam leitores críticos, criativos inseridos e atuantes enquanto cidadãos conscientes e em seu contexto social, pois a leitura transcende e tem o poder de transformar. Nesse sentido, não podemos deixar de comungar com as palavras de Paulo Freire que encantadoramente escreve que “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘re-escrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (p. 22,1984)”.

Referências Bibliográficas

- 1] BAGNO, Marcos. **Curso de Letras? Pra quê?** In: Comunidade Virtual da Linguagem (CVL) Disponível em: <http://tech.groups.yahoo.com/group/CVL>. Acesso em: 13 mai. 2013.
- 2] FREIRE, Paulo. **Importância do Ato de Ler em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez Editora, 1984.
- 3] GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios.** Brasília: UNESCO, 2009. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001846/184682por.pdf>. Acesso em: 01 out. 2012.
- 4] GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Elza de Afonso. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte.** Brasília: UNESCO, 2011.
- 5] Retratos da leitura no Brasil. Disponível em: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=2834>. Acesso em: 11 abr. 2013.